

O comportamento empático em crianças sob uma perspectiva analítico-comportamental: Revisão bibliográfica

The empathic behavior in children under an analytical-behavioral perspective: Bibliographical review

Cibelle Carvalho de Araújo^{1*}, Giselly Villela Pantoja², Ednaldo Façanha Gonçalves³, Washington Luiz de Oliveira Brandão⁴

¹ Graduanda em Psicologia, Instituto Macapaense do Melhor Ensino Superior. Macapá-AP Brasil. E-mail: cibelle.araujo.ap@gmail.com *Autor para correspondência

² Graduanda em Psicologia, Instituto Macapaense do Melhor Ensino Superior. Macapá-AP Brasil. E-mail: giihvillela29@gmail.com

³ Psicólogo, pós-graduado em Docência do Ensino Superior, professor do Instituto Macapaense do Melhor Ensino Superior. Macapá-AP Brasil. E-mail: ed.cognitivo@outlook.com

⁴ Psicólogo, Doutor em Psicologia (Teoria e Pesquisa do Comportamento), professormagistério superior da Universidade Federal do Amapá. Macapá-AP Brasil. E-mail: brandao@unifap.br

Palavras-chave

Análise do Comportamento
Comportamento empático
Habilidades sociais
Comportamento empático em crianças

Este estudo teve como objetivo analisar estudos que abordem a manutenção do comportamento empático em crianças, realizando um levantamento bibliográfico acerca do tema abordado sob o enfoque analítico-comportamental. Com relação à metodologia, o presente estudo utilizou a análise de conteúdo, que consiste em uma técnica que visa analisar criteriosamente os materiais a partir da coleta de dados, realizando uma análise crítica referente aos mesmos; foram excluídos do estudo materiais científicos que em seu conteúdo não contemplaram inteiramente a temática sobre comportamento empático e materiais que não fossem da abordagem análise do comportamento. Ademais, as buscas por materiais científicos foram realizadas nas bases de dados Scielo, Pepsic e produções científicas disponíveis em revistas eletrônicas. A realização das buscas de dados para subsidiar a pesquisa partiu dos seguintes descritores: habilidades sociais, comportamento empático, comportamento empático em crianças e análise do comportamento. Os dados coletados foram analisados por meio de resumos síntese a partir da análise de conteúdo. Os resultados apontam que a manutenção do comportamento empático em crianças se faz necessária para o aprimoramento nas relações sociais como um todo e com os seus pares, tendo em vista a minimização de comportamentos disfuncionais nessa faixa etária. Por fim, concluiu-se que há necessidade de novos estudos dentro da área analítico-comportamental, com o intuito de fomentar discussões acerca do comportamento empático, principalmente na fase infantil e, desse modo, tem-se a possibilidade de criar novas intervenções pautadas no aprimoramento e manutenção do comportamento empático em crianças.

Keywords

Behavior Analysis
Empathic behavior
Social skills
Empathic behavior in children

This study aimed to analyze studies that address the maintenance of empathic behavior in children, performing a bibliographic survey about the subject addressed under the analytic-behavioral approach. Regarding the methodology, the present study used the content analysis, which consists of a technique that aims to analyze the materials from the data collection, performing a critical analysis referring to them; were excluded from the study scientific materials that in their content did not fully address the topic of empathic behavior and materials other than the behavior analysis approach. In addition, the search for scientific materials was carried out in the databases Scielo, Pepsic and scientific productions available in electronic journals. The data search to support the research was based on the following descriptors: social skills, empathic behavior, empathic behavior in children and behavioral analysis. The collected data were analyzed through summary summaries from the content analysis. The results indicate that the maintenance of the empathic behavior in children is necessary for the improvement in social relations as a whole and with their peers, with a view to minimizing dysfunctional behaviors in this age group. Finally, it was concluded that there is a need for further studies within the analytical-behavioral area, in order to foster discussions about empathic behavior, especially in the infantile phase and, thus, the possibility of creating new interventions based on the improvement and maintenance of empathic behavior in children.

INTRODUÇÃO

A empatia caracteriza-se por um comportamento ao qual

o indivíduo coloca-se no lugar do outro, não necessariamente sentindo o que o outro está passando, mas sim compreendendo as demandas vivenciadas por seus

semelhantes. Nesse sentido, a empatia é um comportamento que é instalado no repertório comportamental do ser humano desde seus primeiros anos de vida, manifestando-se por meio de condições sociais e reforços. A partir dessa perspectiva, a empatia é considerada o comportamento que torna as relações humanas possíveis, pois por meio desta os indivíduos partilham, vivenciam e compreendem o outro (DECETY; COWELL, 2015; HOFFMAN, 2000).

Desse modo, do ponto de vista analítico-comportamental, o comportamento empático é considerado como uma habilidade social, que consiste em uma habilidade relacionada às interações sociais dos indivíduos com seus pares. Assim sendo, o comportamento empático corresponde a uma classe de resposta encoberta, que foi aprendido no repertório comportamental do indivíduo, a partir disso o mesmo torna-se capaz de emitir respostas advindas de estímulos externos sobre determinado evento, consequentemente colocando-se no lugar do outro e compreendendo seu funcionamento. O comportamento empático, portanto, tem em sua magnitude propiciar a manutenção e ampliação de relações sociais (HOFFMAN, 2000; VETTORAZZI et al., 2005).

O comportamento empático relacionado a crianças é observado desde os três a quatro anos de idade, quando as mesmas já são capazes de compreender os sentimentos de seus colegas. É nesse momento que o comportamento pró-social, que corresponde à empatia, torna-se mais evidente, pois a criança consegue se colocar no lugar do outro e beneficiar o mesmo sem que ocorram pressões, estímulos externos, reforços arbitrários e tal comportamento é introduzido no repertório comportamental da criança por meio da observação, imitação e reforço desse determinado comportamento (GARCIA-SERPA; MEYER; DEL PRETTE, 2003; GOMIDE, 2010).

Ademais este estudo tem como justificativa a realização de um levantamento bibliográfico relacionado ao comportamento empático em crianças, com o intuito de trazer contribuições para uma melhor compreensão do referente comportamento nos repertórios comportamentais, visando entender o processo de manutenção desse comportamento nas crianças. Tendo como objetivos norteadores, no âmbito geral analisar os estudos que abordem a manutenção do comportamento empático em crianças a partir da análise do comportamento e especificamente verificar os fatores que afetam de modo negativo a manutenção do comportamento empático nas crianças sob o enfoque Analítico-Comportamental; Identificar as possíveis consequências de um repertório deficitário no que tange o comportamento empático nas crianças; Apresentar intervenções para aprimorar o comportamento empático no repertório comportamental infantil.

Análise do Comportamento e Habilidades Sociais

A análise do comportamento enquanto ciência estuda a relação ambiente-comportamento considerando que outra parte da explicação do comportamento humano está no ambiente imediato e também em várias outras interações anteriores no ambiente-comportamento que ocorreram no passado próximo ou remotos. Tem como tarefa descrever regularidades existentes no mundo por meio dos comportamentos, especificamente nas interações entre comportamento-ambiente, visando ajudar a entender o mundo, prever certos eventos e alterar a probabilidade de ocorrência de alguns deles (TODOROV; MOREIRA, 2009).

De acordo com Skinner (1993) o behaviorismo radical é definido como uma filosofia que reflete sobre o objeto, os objetivos e os métodos da ciência do comportamento. Desse modo, o behaviorismo radical corresponderia à sistematização conceitual do trabalho da análise do comportamento. Nesse sentido a filosofia behaviorista do radical, entende o comportamento como fruto de três níveis de seleção: filogenético que diz respeito à história da espécie, ontogenético que remete a história particular do indivíduo e o cultural que corresponde à história das práticas culturais (SKINNER, 1984).

Em relação à seleção filogenética, algumas capacidades foram indispensáveis para o processo de aquisição e evolução das habilidades sociais, tais como o aperfeiçoamento da musculatura verbal, auxiliando nos processos de comunicação que foram fundamentais para o comportamento social dos indivíduos com os seus pares, a flexibilidade da musculatura facial possibilitando as expressões faciais e a discriminação dos estímulos advindos das expressões faciais de outros indivíduos, a sensibilidade aos estímulos sociais e a necessidade da aproximação com pares, à suscetibilidade a seleção pelas consequências ampliando as possibilidades de aprendizagens e a capacidade de emitir operantes livres resultando em comportamentos sociais (GLENN, 2004).

Segundo Del Prette e Del Prette (2010) na seleção ontogênica é possível observar o processo do desenvolvimento das habilidades sociais, esses comportamentos são aprendidos e alterados ao longo da vida por meio da vulnerabilidade e seleção dos comportamentos submetidos às contingências ambientais. Por outro lado, dependendo das contingências a que está exposta, uma pessoa pode desenvolver tanto um repertório elaborado de comportamentos efetivos na produção de reforçadores ou um repertório deficitário, ou seja, limitado e com falhas de fluência ou proficiência de desempenho. A seleção ontogênica de habilidades sociais pode ocorrer tanto por meio das contingências naturais do ambiente em que o

indivíduo está inserido como por meio de contingências estruturadas em programas educacionais ou terapêuticos.

De acordo com os autores, no que diz respeito à seleção cultural, os comportamentos dos seres humanos estão associados à inserção da espécie em um ambiente social favorecendo desse modo o surgimento da cultura e das práticas culturais. O estabelecimento e o gerenciamento da seleção cultural são regidos por diferentes contextos sociais ao qual o ser humano está inserido como, escola, família, religião, assim como códigos escritos, leis e literatura e não escritos, perpassados verbalmente ou inseridos por meio da observação das contingênciassem vigor transmitidos oralmente ou inferidos da observação das contingências em vigor (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2010).

Segundo a análise do comportamento, as habilidades sociais não possuem apenas uma definição, mas de modo geral, pode-se afirmar que estas designam um conjunto de habilidades comportamentais que fazem parte do repertório comportamental dos indivíduos no qual estão relacionadas às interações sociais dos mesmos (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1999). Segundo Caballo (1991), um dos pioneiros no estudo das habilidades sociais, os comportamentos socialmente habilidosos referem-se à expressão de sentimentos, opiniões e desejos, sempre levando em consideração o respeito a si mesmo e ao próximo. No entanto, tal definição de Caballo (1991) não inclui habilidades não verbais, enfatizadas por outros autores.

Segundo McFall (1982 apud, DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1999) as habilidades sociais possuem duas suposições conceituais, onde a primeira afirma que a habilidade social é um traço característico da personalidade de cada indivíduo, sendo ele uma característica inata e a segunda refere-se a uma característica do desempenho interpessoal, no que diz respeito ao indivíduo e a relação com determinada situação particular, que seria resultado da experiência com diversas situações. Para Hops (1983) o repertório de habilidades sociais de cada indivíduo vai se tornando gradativamente mais elaborado ao longo do período da infância, e o mesmo inicia-se desde o nascimento.

Nesse contexto, segundo Denham (1998) o comportamento empático é muito importante para o desenvolvimento das habilidades sociais e está relacionada à resolução pacífica de conflitos, aceitação das diferenças, saúde mental e diminuição do comportamento agressivo. Além disso, de acordo com Hastings et al., (2000) o comportamento empático possibilita com que o sujeito esteja mais sensível à dor do outro, fazendo com que o mesmo seja capaz de avaliar suas ações que podem ou não ser agressivas aos demais.

Autores como Roberts e Strayer (1996) defendem que o desenvolvimento da empatia está diretamente relacionado à

expressividade emocional, ou seja, a empatia está ligada a expressão de sentimentos positivos e negativos, pois quando uma criança experiencia emoções como medo e alegria, ela começa a aprender a manejar e reconhecer esses sentimentos e tende a ser mais empática.

Empatia ou Comportamento empático

A palavra empatia possui cerca de 100 anos e surgiu a partir do termo alemão *Einfühlung* (sentir dentro, sentir em) e seu conceito estava relacionado ao campo das artes, no qual o termo empatia era usado para descrever a experiência estética (GALLESE, 2003). Um dos autores responsáveis por relacionar o conceito de empatia com a arte foi Theodor Lipps, que entendia a empatia como uma categoria sociológica e psicológica básica, haja vista que a mesma designava um papel importante não só na maneira de perceber os objetos, mas também no sentido de auxiliar o sujeito a reconhecer a sua própria condição de criatura consciente (STUEBER, 2006).

A empatia seria então um constructo voltado a representar a maneira pela qual as pessoas captam a perspectiva de objetos inanimados e se colocam no lugar deles. Apenas por volta do século XX a empatia passou a representar a relação entre as pessoas e foi sendo, mais tarde, apropriada pela filosofia, psicologia, educação e neurociências (GALLESE, 2003). Ao traduzir a palavra *Einfühlung*, o psicólogo Titchener foi o primeiro a utilizar o termo “*empathy*” para expressar a relação de compreensão dos sentimentos do outro, dando ao termo empatia um viés da psicologia (SANTOS, 2011).

Recentemente, observa-se que o termo empatia ou comportamento empático não possui apenas um significado, pois o mesmo é estudado por diversificadas áreas do saber principalmente pelas ciências sociais e humanas, dentro dos variados conceitos e significados tem-se uma visão mais consensual da empatia a partir dos estudos das neurociências sociais (STUEBER, 2017).

Para Decety e Cowell (2015), o comportamento empático é um conjunto de comportamentos em que os indivíduos obtêm a capacidade de se relacionar com outras pessoas, compreender e partilhar as questões emocionais dos outros. Hoffman (2000) destaca que para ter empatia ou comportamento empático o indivíduo não irá necessariamente sentir o que o outro estar sentindo, mas sim compreender o que o outro está vivenciando em dada circunstância.

O comportamento habilidoso empaticamente é a base fundamental do interesse humano pelo seu semelhante, é o comportamento empático que torna a vida sociável possível e pode até ser considerado um comportamento frágil e de

grande importância, pois o mesmo perdurou ao longo dos anos e pode continuar enquanto o homem existir basta que o mesmo seja sempre trabalhado e cultivado nos repertórios comportamentais de todos os seres humanos (HOFFMAN, 2000).

De acordo com a definição comportamental, empatia ou habilidade empática, pode ser entendida como uma classe de resposta tanto aberta como encoberta aprendida por meio do condicionamento clássico e operante, e tais processos corroboram para que a pessoa possa discriminar determinadas situações que as outras pessoas estão vivendo e a reagir de modo a expressar compreensão e solidariedade àqueles indivíduos (HOFFMAN, 2000; SKINNER, 1991).

Segundo Vettorazzi et al., (2005) o comportamento empático é uma classe geral de comportamentos e é considerado como uma das principais habilidades sociais para o estabelecimento de vínculos e ampliação das relações interpessoais, e a aprendizagem desse comportamento é possível principalmente no que tange cultivar o mesmo para se obter boas relações. Para Burleson (1985) emitir respostas empáticas acaba por despertar mais afeto e simpatia e ajuda a desenvolver no indivíduo a habilidade de enfrentamento assim como também, emitir respostas empáticas ajuda a reduzir problemas tanto emocionais como psicossomáticos, e emitir essas respostas comportamentais favorece positivamente a apresentação dos comportamentos assertivos no repertório comportamental do indivíduo.

Comportamento empático em crianças

A empatia ou comportamento empático é um comportamento evolutivo que corresponde à organização familiar tanto dos seres racionais quanto irracionais e o desenvolvimento desse comportamento é estabelecido no contexto familiar desde a infância. Nesse sentido, quando a criança vivencia episódios de abusos e negligências ou até mesmo o ambiente em que esta se encontra não for favorável, o estabelecimento para o comportamento empático no repertório comportamento desse indivíduo se torna deficitário (MAIN; GEORGE, 1985).

Segundo estudos realizados por Linnell, Stechmann e Watson (1975) indivíduos que possuem transtornos psicológicos, como a esquizofrenia, transtornos de aprendizagem na infância e adolescência, transtornos emocionais e transtornos invasivos do desenvolvimento, tendem a apresentar um repertório empático deficitário, devido a tais transtornos.

Os seres humanos, desde seu nascimento, estão predispostos a desenvolverem o comportamento empático, como pode ser observado quando, por exemplo, os bebês ficam inquietos quando ouvem o choro de outros bebês,

demonstrando compaixão com a angústia do outro (HOFFMAN, 2000). Ademais, ao longo da infância a tendência é que ocorram muitos ganhos no que se refere ao desenvolvimento desse comportamento, a partir das interações sociais que a criança venha a estabelecer. Por outro lado, a falta de relações saudáveis onde a criança possa desenvolver o comportamento empático é um fator de risco para o surgimento de comportamentos antissociais e agressivos (PAVARINO; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005).

Pode-se afirmar, portanto, que o comportamento empático é desenvolvido desde a mais tenra idade e tal desenvolvimento vai ocorrer dependendo das condições de socialização da criança em seu contexto familiar. Logo, se não houver um ambiente com condições favoráveis ou no caso de crianças que sofreram negligência ou abuso, podem ocorrer déficits no desenvolvimento da empatia (GARCIA, 2001). O desenvolvimento do referido comportamento parece ocorrer como um processo contínuo, que se inicia com manifestações pré-empáticas, como manifestações emocionais ressonantes, até que se ocorram manifestações empáticas de fato, demonstradas através de sinais afetivos sutis advindos das outras pessoas (THOMPSON, 1992).

Além disso, um aspecto relevante a ser destacado com relação ao desenvolvimento do comportamento empático é a criação de laços de amizade entre as crianças, haja vista que tais laços proporcionam a aquisição de habilidades sociais que tendem a favorecer o desenvolvimento da habilidade empática. Assim, as amizades promovem instrumentos que auxiliam a criança a se adaptar as demandas e ao ambiente em que está inserida (LADD; KOCHENDERFER; COLEMAN, 1996).

Estudos realizados por Hastings et al., (2000) demonstram que crianças que possuem pais extremamente autoritários acabam por demonstrar menos consideração pelos outros e a punição que as mesmas sofrem de seus pais torna-se prejudicial para o estabelecimento do comportamento empático em seus repertórios. Com isso é possível observar que o estilo parental autoritário, no qual não há a valorização de uma boa comunicação e sim de punições e extrema obediência acaba por tornar deficitário esse comportamento empático nas crianças.

Quando indivíduos apresentam um nível empobrecido de comportamento empático tendem a ter uma compreensão equivocada ao avaliar as demandas de outros, e isso ocorre pelo fato de que como a empatia é empobrecida nesse repertório comportamental, as ações do indivíduo não serão avaliadas pela experiência de compreender o estado emocional de outras pessoas (JOLLIFE; FARRINGTON, 2006).

De acordo com Howes, Matheson e Hamilton (1994) o comportamento empático entre crianças e seus pares e entre crianças com adultos também é considerado como um

aspecto que contribui para o estabelecimento da competência social e transição ecológica no repertório comportamental da criança. A competência social é uma característica comportamental de adaptação, vista como uma proteção para o indivíduo e é uma característica individual de cada um, na qual é levada em consideração a interação do mesmo com o contexto familiar e com outras pessoas que são consideradas importantes (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1999).

A transição ecológica da criança ocorre a partir do momento em que a mesma começa a ampliar suas relações interpessoais, passando a família a não ser mais o seu único meio de estabelecimento de vínculos e para essa transição de microsistemas em que a criança irá passar, o comportamento empático se faz necessário para que haja essa mudança na ampliação das relações da mesma (ALVES, 1997).

O desenvolvimento do comportamento empático em crianças

De acordo com Garcia-Serpa, Meyer e Del Prette (2003) por volta dos três a quatro anos de idade, a maioria das crianças já é capaz de nomear de maneira correta as emoções básicas através de expressões faciais em fotos que lhe são apresentadas; mais tarde, no início do período escolar, o comportamento pró-social das crianças torna-se mais complexo e suas reações frente ao sofrimento alheio tendem a refletir sua história familiar. Esse comportamento pró-social consiste em beneficiar o outro, se colocar no lugar do outro sem que isso ocorra por pressões e ou estímulos externos assim como reforços arbitrários e o mesmo é aprendido por meio da imitação, observação, e reforçamento de tal comportamento (GOMIDE, 2010). Além disso, nessa fase as crianças, assim como os adultos, são capazes de verbalizar as causas dos sentimentos de seus colegas (GARCIA-SERPA; MEYER; DEL PRETTE, 2003).

De acordo com Skinner (1953), quando o sujeito se comporta imitando os outros, há grande probabilidade de o mesmo ser reforçado estando em um grupo, pois as consequências reforçadoras alcançadas através do grupo por conta comportamento imitativo ultrapassam as consequências obtidas pelos membros individualmente.

Em relação ao comportamento de observação, a análise do comportamento a define como a relação entre uma resposta e a consequência de um comportamento (PESSÔA; SÉRIO, 2014). Diante disso, a análise do comportamento propõe duas distinções acerca da observação enquanto procedimento metodológico: para a análise experimental, se aceita apenas descrições de relações funcionais entre variáveis observáveis; já para a análise interpretativa, as relações funcionais entre variáveis observáveis e não

observáveis são admitidas. Ou seja, não há só uma maneira de observar e interpretar essa observação, mas o que não se pode negar é que a observação facilita a previsão, controle e análise de determinado comportamento (DITTRICH, 2009).

Ao que tange ao comportamento denominado de reforçamento e ou reforço, o mesmo para a análise do comportamento corresponde a um tipo de consequência comportamental que aumenta a probabilidade da ocorrência de determinado comportamento novamente. Skinner postulava a importância do reforçamento, no sentido de controlar a maneira como as pessoas irão se comportar ao longo de sua vida; além disso, vale salientar que o reforço deve ser analisado a partir da história de vida dos indivíduos, uma vez que o que é reforçador para uma pessoa, pode não ser para outra (MOREIRA; MEDEIROS, 2007).

Segundo Barnett (1992) as crianças tendem a serem mais empáticas com pessoas semelhantes a elas, seja por idade, gênero ou por terem experiências pessoais em comum. Assim, o autor cita em seu estudo que a empatia de uma criança aumentava na medida em que ela tinha passado pela mesma situação que a outra pessoa. Desse modo o autor afirma que é necessário estimular a criança a perceber os demais como seus semelhantes, a fim de aumentar sua sensibilidade e habilidade empática, não só no ambiente escolar, mas nos demais.

Os autores Pavarino, Dell Prette e Del Prette (2005) apontam que depois do contexto familiar o outro ambiente em que a criança vivencia é o escolar, e nesse ambiente questões relacionadas às habilidades empáticas tem que ser trabalhada e refinada, complementando desse modo o que já vem de aprendizado do seio familiar dessa criança, e se as crianças não apresentarem tal comportamento nesses ambientes em que convivem, duas hipóteses para esse fato são levantadas, a primeira corresponde a criança ainda não possuir essas habilidades em seu repertório e a segunda é que a estimulação para que esse comportamento ocorra não é trabalhada ou é escassa nos dois ambientes em que a criança partilha.

No que se refere ao contexto escolar, nota-se ao longo dos anos características de comportamentos antissociais agressivos, como baixas habilidades no que tange a resolução de problemas, predisposição a atitudes hostis, ressentimento e suspeita, incluindo outros fatores de riscos, como o próprio isolamento da criança, dificuldade de aprendizagem, o baixo rendimento escolar, a discriminação tanto social como cultural. Além desses entraves comportamentais, também são observados relacionamentos interpessoais empobrecidos, em decorrência de determinada circunstância onde há o comprometimento do desenvolvimento socioemocional em razão das rejeições em que o indivíduo é exposto e dos déficits relacionados às habilidades sociais dos

mesmos (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001).

Há algumas práticas educativas que são reforçadoras das tendências empáticas da criança na escola e uma delas é a disciplina indutiva. Tal técnica consiste em fazer com que a criança se sinta no lugar da outra que está sofrendo, desse modo, a criança passa a refletir sobre como seus atos afetam os demais e a tendência é que essa técnica estimule a compreensão e o sentimento empático. Por outro lado, quando há o uso da coerção ou castigo físico, a tendência é que o comportamento agressivo da criança seja reforçado (FASHBACH, 1992).

Outra maneira da criança aprender a desenvolver o comportamento empático é oferecer oportunidades em que as crianças possam cuidar e ajudar seus pares, para que desse modo elas consigam aliviar um mal-estar, ou uma situação considerada difícil por outros, compartilhando esses tipos de situações às crianças se tornam mais inclinadas a emitirem comportamentos empáticos com seus pares que possuem algum tipo de dificuldade em determinada área ou contexto (BARNETT, 1992).

Em seus estudos, Barnett (1992) também afirma que estimular nas crianças situações em que ela possa perceber os outros como seu semelhante acaba por contribuir nesse desenvolvimento e emissão do comportamento empático e esse tipo de prática pode ser realizada ampliando as oportunidades de base de comparações das crianças, fazendo com que elas entrem em contato com situações diferentes e experimentem novas emoções, para que desse modo consigam aumentar a sua sensibilidade diante do mal-estar dos outros.

Segundo Broidy et al., (2003) quando as crianças em fase escolar não aprendem a lidar com as questões relacionadas a agressividade, elas possuem uma probabilidade maior de se tornarem adolescentes com comportamentos agressivos e antissociais em relação a seus pares. De acordo com Del Prette e Del Prette (2001, 2003), para se reverter esse quadro de comportamentos antissociais nos alunos pré-escolares é válido trabalhar buscando estratégias em que se tenha como principal foco o desenvolvimento socioemocional das crianças, visando ampliar a atenção que é dada para as questões da agressividade entre os pares. É a partir dessa perspectiva de ampliação dos repertórios comportamentais das crianças que é importante ser trabalhado o desenvolvimento de valores e comportamentos pró-sociais onde o comportamento empático se faz presente.

Para Howes, Matheson e Hamilton (1994) a criança é socialmente competente a ser sensível e empática com o outro, assim como a criança também é capaz de se envolver em atividades sociais, estabelecer um vínculo de amizade e de ser adaptável a situações em que a mesma seja exposta ao estresse

MÉTODOS

O presente estudo trata-se de uma revisão narrativa, no qual consiste em descrever o desenvolvimento sobre determinada temática, tendo como foco principal analisar e interpretar a produção científica acerca do comportamento empático no sentido mais amplo e mais especificamente o comportamento empático em crianças sob o enfoque analítico-comportamental.

Esse tipo de revisão é definido como uma revisão tradicional, na qual não há a definição de critérios explícitos e a seleção de material científico não ocorre de maneira arbitrária, ficando a critério do autor a inclusão de documentos de acordo com sua necessidade. Desse modo, não há a preocupação em se esgotar as fontes de informação sobre aquele determinado tema (FERENHOF; FERNANDES, 2016).

Apesar de não possuir critérios rigorosos, a revisão narrativa é de suma importância para a aquisição e constante atualização de conhecimentos acerca de determinado tema, pois através desse tipo de revisão torna-se possível evidenciar novas ideias e métodos relativos à literatura escolhida (ELIAS et al., 2012).

Procedimento de coleta de dados

A coleta de dados baseou-se em trabalhos científicos relacionados às habilidades sociais, comportamento empático, comportamento empático em crianças e análise do comportamento. As buscas por materiais científicos foram realizadas nas bases de dados Scielo, Pepsic, livros científicos e produções científicas disponíveis em revistas eletrônicas.

No processo de coleta de dados, foram encontrados 37 artigos referentes à temática proposta, sendo destes 10 selecionados de periódicos brasileiros para serem analisados, por se tratarem dos dados que mais se adequaram a proposta e objetivo do referente estudo. Sete desses artigos são referentes à empatia em crianças e três artigos abordam a temática sobre habilidade social em crianças. Todos os materiais encontrados e selecionados (apenas artigos científicos) são referentes à abordagem analítico-comportamental. Dentre os 10 artigos encontrados e selecionados constatam-se que os mesmos são publicações brasileiras produzidas entre os anos 2000 e 2016.

Análise dos dados e interpretação dos dados

Como método de análise da pesquisa fez-se o uso da análise de conteúdo, que segundo Bardin (2006) e Chizzotti

(2006) consiste em técnicas de análise das comunicações, em que são utilizados procedimentos com o objetivo de descrever o conteúdo das mensagens, compreendendo criticamente os conteúdos manifestos e latentes dos materiais. A técnica de análise de conteúdo divide-se em três fases:

1ª Pré-análise: foi realizada a organização do material para compor os dados a serem coletados, a partir de uma leitura flutuante sobre os materiais disponíveis acerca do tema. Após esse levantamento dos materiais coletados, ocorreu à escolha dos materiais que foram analisados para assim subsidiar o referencial teórico da pesquisa, as organizações dos materiais para análise corresponderam a temáticas sobre análise do comportamento e habilidades sociais, empatia e comportamento empático, o comportamento empático em crianças e o desenvolvimento do comportamento empático em crianças. Posteriormente a coleta e análise dos materiais, realizou-se a formulação dos objetivos que nortearam a pesquisa.

2ª Exploração do material: Na segunda fase foi realizado o agrupamento das informações relacionadas ao tema, para que desse modo fosse traçado um paralelo entre os autores que abordam em seu conteúdo as habilidades sociais, empatia ou comportamento empático e comportamento empático em crianças sob o enfoque da análise do comportamento. Esse agrupamento dos materiais foi realizado por meio da tabulação dos dados que foram coletados a partir dos seus conteúdos relacionados às habilidades sociais e comportamento empático em crianças.

3ª Tratamento dos resultados: Na última fase foi executada a interpretação dos resultados obtidos no decorrer da pesquisa sobre o comportamento empático em crianças. A partir dos resumos síntese, os materiais foram criteriosamente analisados, para que dessa perspectiva o conteúdo da pesquisa se tornasse válido e significativo, visando nesse sentido analisar o verdadeiro significado do tema da pesquisa, priorizando demonstrar não só o conteúdo manifesto dos materiais, mas também os conteúdos latentes jazidos nos mesmos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No processo de elaboração dos resultados, os mesmos se propuseram a se correlacionar com os objetivos propostos do presente estudo, tendo como enfoque principal analisar referências bibliográficas que abordem a manutenção do comportamento empático em crianças a partir da análise do comportamento, investigar os fatores que afetam de modo negativo a manutenção do comportamento empático em crianças sob o enfoque analítico-comportamental, identificar

as possíveis consequências de um repertório deficitário no que tange o comportamento empático nas crianças e, por último, apresentar intervenções para aprimorar o comportamento empático no repertório comportamental infantil.

A apresentação dos resultados selecionados é exposta traçando um paralelo entre pesquisas que abordam em sua temática sobre habilidades sociais e empatia, organizados a partir do autor e ano da publicação, título, objetivo do trabalho, habilidades sociais ou empatia, como mostra a tabela 1.

Diante dos resultados expostos, foram identificados por meio do autor Denham (1998), que as habilidades sociais são imensamente importantes, principalmente no que tange as habilidades empáticas, pois nesse contexto as mesmas são responsáveis pelo estabelecimento de vínculos entre os indivíduos e seus pares, ressaltando que tais habilidades visam à diminuição de comportamentos inadequados, como os comportamentos agressivos e aumenta da frequência da emissão de comportamentos funcionais como resolução de conflitos e respeito às diferenças, assim como propiciam uma melhora na qualidade da saúde mental.

A partir dessa perspectiva, Hoffman (2000) ressalta que é o comportamento empático que torna possível a vida sociável, levando em consideração que esse comportamento sempre deve ser trabalhado e estimulado em todos os repertórios comportamentais.

De acordo com o primeiro objetivo específico, ao qual se refere aos fatores que afetam de modo negativo a manutenção do comportamento empático em crianças, autores como Motta et al., (2006), em seu estudo acerca das práticas educativas que favorecem a empatia, usaram como instrumentos entrevista sobre as práticas educativas, Escala de Empatia/EECA e entrevista sobre a Empatia/VIDEO. Na entrevista sobre empatia, foram observados critérios de classificação das práticas educativas entre práticas positivas e negativas e foram apontados possíveis fatores que podem agir de maneira negativa no desenvolvimento do comportamento empático das crianças, como a punição/castigo, punição física, ausência de atribuições de responsabilidade, indiferença, a utilização de reforços arbitrários como dar presentes.

Nesse contexto, Salvo, Mazzarotto e Lohr (2005), Elias e Amaral (2016) também apontam em suas pesquisas os fatores que afetam negativamente a promoção das habilidades sociais em pré-escolares, apresentando escores elevados

Tabela 1. Quadro-síntese dos artigos científicos analisados nesta pesquisa, 2019.

Obra consultada	Título	Objetivo do trabalho	Habilidades sociais	Empatia
Cecconelo e Koller (2000).	Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza	Avaliar a competência social e a empatia em crianças em fase escolar que vivem em situação de pobreza.		X
Motta et al., (2006).	Práticas educativas que favorecem o desenvolvimento da empatia em crianças	Investigar através da Escala de Empatia a relação entre as práticas educativas e o nível de empatia em um grupo de crianças		X
Salvo, Mazzarotto e Lohr (2005).	Promoção e habilidades sociais em pré-escolares	Verificar a eficácia de um programa preventivo de habilidades sociais em crianças e seus genitores	X	
Elias e Amaral (2016).	Habilidades sociais, comportamentos e desempenho acadêmico em escolares antes e após intervenção	Avaliar as habilidades sociais, os problemas de comportamento e o desempenho de crianças após a participação no programa de habilidades sociais.	X	
Robalinho, Del Prette e Del Prette (2015).	Habilidades sociais como preditores de problemas de comportamento em escolares	Avaliar as forças preditivas das habilidades sociais para problemas de comportamento em 220 crianças cursando do terceiro ao sexto ano do ensino fundamental em escolas públicas no Estado de São Paulo, seus genitores ou responsáveis.	X	
Vettorazzi et al., (2005).	Avaliação de um programa para ensinar comportamento empático em crianças no contexto clínico	Avaliar um programa de aprendizagem do comportamento empático no contexto clínico.		X
Justo, Carvalho e Kristensen (2014).	Desenvolvimento da empatia em crianças: a influência dos estilos parentais	Explorar quais os fatores internos e externos que influenciam o desenvolvimento da empatia em crianças.		X
Pires e Roazzi (2016).	Empatia e sua avaliação: considerações teóricas e metodológicas	Propor uma reflexão acerca da empatia, considerando seus conceitos e mensurações ao longo dos anos.		X
Garcia-Serpa, Del Prette e Del Prette (2006).	Meninos pré-escolares empáticos e não empáticos: empatia e procedimento educativo nos pais	Analisar a influência da empatia e procedimentos educativos de pais e mães sobre o repertório empático de dois grupos distintos de meninos pré-escolares.		X
Sampaio, Camino e Roazzi (2009).	Revisão de aspectos conceituais, teóricos e metodológicos da empatia	Apresentar uma revisão de literatura sobre a empatia, enfatizando seus aspectos teóricos, conceituais e metodológicos.		X

correlacionados a problemas de comportamento relativos aos comportamentos internalizantes e comportamentos externalizantes.

Desse modo, Garcia (2001), aponta como fatores negativos para o desenvolvimento da empatia a incidência de casos punitivos como negligências e abusos, onde crianças que vivenciam nesse tipo de ambiente tendem a apresentar déficits no desenvolvimento da empatia. Hastings et al., (2000) também aponta como fatores negativos a autoridade

excessiva dos pais, assim como uma relação parental sem a valorização da comunicação e sim de punição e extrema obediência.

Em relação ao segundo objetivo específico, que corresponde a identificação das possíveis consequências de um repertório deficitário no tange ao comportamento empático nas crianças, estudos realizados por Justo, Carvalho e Kristensen (2014) reforçam a ideia de Hastings et al., (2000), que afirmam que um repertório comportamental deficitário

relativo ao comportamento empático pode gerar a diminuição de comportamentos pró-sociais, além do aumento da emissão de comportamentos agressivos. Motta et al., (2006) em seus estudos realizados com crianças que residem em abrigos de curta permanência observaram que as mesmas possuem um repertório deficitário no que diz respeito à verbalização de suas respostas emocionais.

Diante desse contexto, Broidy et al., (2003), contribuem com as ideias relativas as consequências de um repertório comportamental empático deficitário, ao afirmarem que as crianças que não tem o comportamento empático estimulado em sala de aula, tendem a emitir comportamentos agressivos e a não colocarem em extinção tal comportamento inadequado.

Em alusão ao terceiro objetivo específico, ao qual se refere às intervenções para aprimorar o comportamento empático no repertório comportamental infantil, é possível observar que as intervenções utilizadas para a manutenção de comportamentos socialmente habilidosos e comportamentos empáticos visam aprimorar as interações sociais das crianças, tanto no sentido mais amplo, como nas interações com seus pares.

Desse modo, de acordo com os autores Cecconelo e Koller (2000), Salvo, Mazzarotto, Lohr (2005), Motta et al., (2006), Garcia-Serpa, Del Prette e Del Prette (2006), Robalinho, Del Prette e Del Prette (2015) e Elias e Amaral (2016) as intervenções voltadas ao âmbito escolar preconizaram avaliar e aprimorar os comportamentos empáticos e as habilidades sociais das crianças, tendo como base de avaliação a Escala de Empatia, entrevistas, reprodução de vídeos e checklist de comportamento infantil, com o intuito principalmente de averiguar se tais comportamentos são deficitários ou não no repertório comportamental dos mesmos.

Em contribuição as ideias relativas às intervenções que podem ser realizadas no âmbito escolar em relação ao aprimoramento do comportamento empático, Del Prette e Del Prette (2001, 2003) discorrem acerca da importância de se buscar estratégias que visem trabalhar o desenvolvimento socioemocional das crianças, dando enfoque aos valores e comportamentos pró-sociais, bem como objetivando trabalhar a extinção de comportamentos agressivos das crianças com seus pares.

No que tange as intervenções voltadas ao contexto clínico, os autores Vettorazzi et al., (2005) utilizaram como instrumento para o aprimoramento da manutenção dos comportamentos empáticos, um programa para ensinar comportamento empático para crianças. No que se refere ao contexto clínico, à intervenção utilizada propõe-se a aprimorar os comportamentos empáticos de crianças que já apresentavam comportamentos disfuncionais.

Em um estudo realizado por Pires e Roazzi (2016), os

autores enfatizaram a importância da empatia para as relações humanas, bem como sinalizaram que seu conceito é muito abrangente, o que por vezes causa divergência em estudiosos da área. Nessa perspectiva, dependendo da conceituação adotada de empatia, os instrumentos para avaliá-la irão variar.

Diante de toda a pesquisa realizada, foi perceptível um alto índice de carência voltado para o campo da análise do comportamento, no que se refere ao comportamento empático no período infantil, corroborando com as inquietações de Sampaio, Camino e Roazzi (2009), que também já apontavam esse nível de carência em estudos voltados a esse campo há dez anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste estudo permitiu identificar as possíveis consequências de um repertório comportamental deficitário ao que tange as habilidades empáticas, assim como meios e intervenções para auxiliar no processo de estimulação desse comportamento nos repertórios das crianças, visando torná-las mais competentes socialmente.

Diante dessa perspectiva, o comportamento empático, principalmente ao que tange o contexto infantil, sempre deve ser estimulado, haja vista a necessidade de fomentar no ser humano desde a sua infância comportamentos empáticos e socialmente habilidosos, para que futuramente tornem-se indivíduos que emitam comportamentos mais adequados na sociedade em geral e com os seus pares. Levando em consideração que a etapa infantil é a base para que o comportamento empático se desenvolva. Desse modo, traça-se um paralelo entre a necessidade e o desejo de se obter uma sociedade mais empática e igualitária, partindo da premissa de que para alcançar tais objetivos o trabalho deve-se iniciar na infância.

Constatou-se que a manutenção do comportamento habilidoso empaticamente é de suma importância para o aprimoramento dos vínculos das crianças como um todo, principalmente no que se refere a uma socialização mais adequada e saudável, podendo afirmar por meio dos estudos levantados que quando tal comportamento não é aprimorado no período púbere, há a incidência de comportamentos inadequados como agressividade e hostilidade.

No que se refere à manutenção do comportamento empático no contexto escolar, ressalta-se a importância de intervenções que busquem facilitar as relações das crianças com seus pares, com o intuito de reduzir a emissão de comportamentos inadequados, principalmente no que refere ao bullying. Salienta-se que estas intervenções no contexto escolar propiciam nas crianças um novo olhar para o próximo,

promovendo assim o respeito às diferenças individuais das mesmas, ressaltando a importância de poder generalizar os comportamentos aprendidos para outros contextos, viabilizando para as crianças um repertório comportamental com comportamentos considerados mais adequados.

Portanto, é notória a necessidade de novos estudos dentro da área analítico-comportamental, visando fomentar discussões e contribuições acerca do comportamento empático, principalmente na fase infantil e, com a realização de mais estudos, tem-se a possibilidade de criar novas intervenções pautadas no aprimoramento e manutenção do comportamento empático em crianças.

A realização deste trabalho contribuiu para a obtenção de conhecimentos científicos acerca do tema abordado, comportamento empático em crianças, e diante dessa perspectiva é válido salientar que o levantamento bibliográfico foi essencial para o processo de compreensão do comportamento empático a partir de um enfoque analítico comportamental.

Conclui-se que a manutenção do comportamento empático em crianças pode ser estimulada nos mais diversificados contextos, como clínicas, escolas e abrigos, reforçando a ideia da importância dessa manutenção para uma interação positiva das crianças com seus pares e com os demais. Diante desse contexto, considera-se que quanto mais o comportamento empático for reforçado no repertório comportamental desde a mais tenra idade em todos os ambientes aos quais a criança tem acesso, maior é a tendência de ela enxergar o mundo levando em consideração não só suas percepções e vivências, mas também as dos demais sujeitos. A longo prazo, tal comportamento empático viabiliza a manutenção de uma sociedade mais igualitária, voltada a promover a ética e a solidariedade nas relações humanas. Portanto, é papel de todos enquanto sociedade promover o reforçamento do comportamento empático infantil, uma vez que o mesmo contribui para a construção de um futuro melhor e mais pacífico.

REFERÊNCIAS

- ALVES, P. B. A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 369-373, 1997.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BARNETT, M. Empatia y respuestas afines en los niños. In: EISENBERG, N.; STRAYER, J. *La empatía y su desarrollo*. Bilbao: Desclée de Brower, 1992. p. 163-169.
- BURLESON, B. R. The production of comforting messages: social cognitive foundations. *Journal of Language and Social Psychology*, v. 4, p. 253-273, 1985.
- BROIDY, L. M, et al., Developmental trajectories of childhood disruptive behaviors and adolescent delinquency: a six-site, cross-national study. *Developmental psychology*, v. 39, n. 2, p. 222-245, 2003.
- CABALLO, V. E. O Treinamento em Habilidades Sociais. In: CABALLO, V. E. (Org.). *Manual de Técnicas de Terapia e Modificação do Comportamento*. Madri, Siglo Veintiuno, 1991, p. 361-398.
- CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, ed. 8, 2006.
- CECCONELLO, A. M; KOLLER, S. H. Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. *Estudos de Psicologia*, v. 5, n. 1, p. 71-93, 2000.
- DECETY, J; COWELL, M. J. Empathy, justice, and moral behavior. *American journal of bioethics neuroscience*, Chicago, v. 6, n. 3, p. 3-14, 2015.
- DEL PRETTE, Z. A. P; DEL PRETTE, A. *Psicologia das habilidades sociais: terapia e educação*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. *Psicologia das relações interpessoais: vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____. *Habilidades Sociais, Desenvolvimento e Aprendizagem: Questões Conceituais, Avaliação e Intervenção*. Campinas: Alínea, 2003.
- _____. *Habilidades sociais e análise do comportamento: Proximidade histórica e atualidades*. *Revista Perspectiva*, v. 1, n. 2, p. 104-115, 2010.
- DENHAM, S. *Emotional development in young children*. New York: The Guilford Press, 1998.
- DITTRICH, A. et al., Sobre a observação enquanto procedimento metodológico na Análise do comportamento: positivismo lógico, operacionismo e behaviorismo radical. *Psicologia: teoria e prática*. Paraná, v. 25, n. 2, p. 179-187, 2009.
- ELIAS, et al., Quando chega o fim? Uma revisão narrativa sobre terminalidade do período escolar para alunos deficientes mentais. *Revista Eletrônica Saúde mental Álcool e Drogas*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 48-53, 2012.
- ELIAS, L. C. S; AMARAL, M. V. Habilidades sociais, comportamento e desempenho acadêmico em escolares antes e após intervenção. *Psico-USF, Bragança Paulista*, v. 21, n. 1, p. 49-61, 2016.
- FARENHOF, H; FERNANDES, R. F. Desmistificando a revisão de literatura como base para redação científica. *Revista ACB, Santa Catarina*, v. 21, n. 3, p. 550-563, 2016.
- FASHBACH, N. Empatia parental y ajuste/desajuste infantil. In: EISENBERG, N; STRAYER, J. *La Empatía y su Desarrollo*. ed. 1, Bilbao: Desclée de Brower, 1992. p. 299-320.
- GALLESE, V. The roots of empathy: the shared manifold hypothesis and the neural basis. *Psychopathology*, v. 36, p.

- 171-180, 2003.
- GARCIA-SERPA, F. A. G; MEYER, S. B; DEL PRETTE, Z. A. P. Origem social do relato de sentimentos: evidência empírica indireta. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 21-30, 2003.
- GARCIA-SERPA, F. A; DEL PRETTE, Z. A. P; DEL PRETTE, A. Meninos pré-escolares empáticos e não empáticos: empatia e procedimento educativo dos pais. *Revista Interamericana de Psicologia*, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 77-88, 2006.
- GARCIA, F. A. Investigando diferentes indicadores de empatia em meninos e sua relação com a empatia e ações educativas dos pais. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.
- GOMIDE, P. I. C. Comportamento Moral: Uma Proposta para o Desenvolvimento das Virtudes. Curitiba: Juruá, ed. 1, 2010.
- GLENN, S. S. Individual change, culture, and social change. *The Behavior Analyst*, n. 27, p. 133-151, 2004.
- HASTINGS, P. et al., The development of concern for others in children with behavior problems. *Developmental psychology*, Colorado, v. 36, n. 5, p. 531-546, 2000.
- HOFFMAN, M. L. Empathy and moral development: implications for caring and justice. New York: Cambridge University Press, 2000.
- HOPS, H. Children's social competence and Skill: Current research practices and future directions. *Behavior therapy*, Oregon, v. 14, n. 1, p. 3-18, 1983.
- HOWES, C; MATHESON, C. C; HAMILTON, C. E. Maternal, teacher, and child care history correlates of children's relationships with peers. *Child Development*, v. 65, n. 1, p. 264-273, 1994.
- JOLLIFFE, D; FARRINGTON, D. Development and validation of the basic empathy scale. *Journal of Adolescence*, Cambridge, v. 29, n. 4, p. 589-611, 2006.
- JUSTO, A. R; CARVALHO, J. C. N; KRISTENSEN, C. H. Desenvolvimento da empatia em crianças: a influência dos estilos parentais. *Psicologia, Saúde e doenças*, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 512-523, 2014.
- LADD, G; KOCHENDERFER, B; COLEMAN, C. Friendship quality as a predictor of young children's early school adjustment. *Child Development*, Illinois, v. 67, n. 3, p. 1130-1118, 1996.
- LINNELL, K. E; STECHMANN, A. M; WATSON, C. G. Resocialization of schizophrenic patients. *American Journal of Occupational Therapy*, v. 29, n. 5, p. 288-290, 1975.
- MAIN, M; GEORGE, C. Responses of abused and disadvantaged toddlers to distress in age mates: a study in day-care setting. *Developmental Psychology*, v. 21, p. 137-161, 1985.
- MACFALL, R. M. A review and reformulation of the concept of social skills. *Behavioral Assessment*, v. 4, p. 1-33, 1982.
- MOREIRA, M. B; MEDEIROS, C. A. Princípios básicos de análise do comportamento. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- MOTTA, D. C. et al., Práticas educativas positivas que favorecem o desenvolvimento da empatia em crianças. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, p. 523-532, 2006.
- PAVARINO, M. G; DEL PRETTE, A; DEL PRETTE, Z. A.P. O desenvolvimento da empatia como prevenção da agressividade na infância. *Psico*, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 127-134, 2005.
- PESSÔA, C. N. B. B; SÉRIO, T. M. A. P. Análise do comportamento de observação, *Revista brasileira de análise do comportamento*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 143-153, 2006.
- PIRES, M. F. D. N; ROAZZI, A. Empatia e sua avaliação: considerações teóricas e metodológicas. *Revista Amazônica*, Amazonas, v. 17, n. 1, p. 158-172, 2016.
- ROBALINHO, I. G; DEL PRETTE, Z. A. P; DEL PRETTE, A. Habilidades sociais como preditoras de problemas de comportamento em escolares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 31, n. 3, p. 321-330, 2015.
- ROBERTS, W; STRAYER, J. Empathy, emotional expressiveness and prosocial behavior. *Child Development*, Canadá, v. 67, n. 2, p. 449-470, 1996.
- SANTOS, E. G. Empatia e bullying em alunos do 4º e 6º ano. Dissertação de mestrado. Universidade de Lisboa, 2011.
- SALVO, C. G; MAZZAROTTO, I. H. K; LOHR, S. S. Promoção de habilidades sociais em pré-escolares. *Rev. Bras Cresc Desenv Hum*, v. 15, n. 1, p. 46-55, 2005.
- SAMPAIO, L. R; CAMINO, C. P. S; ROAZZI, A. Revisão de aspectos conceituais, teóricos e metodológicos da empatia. *Revista Psicologia, ciência e profissão*, Pernambuco, v. 29, n. 2, p. 212-227, 2009.
- SKINNER, B. F. Science and human behavior. New York: The Free Press, 1953.
- _____. Selection by consequences. *The behavior and brain sciences*, v. 7, n. 4, 477-481, 1984.
- _____. Sobre o behaviorismo. São Paulo: Cultrix, 1991.
- _____. About behaviorism. London: Penguin, 1993.
- STUEBER, K. Rediscovering empathy: agency, folk psychology, and the human sciences. Cambridge, Mass: MIT Press, 2006.
- TODOROV, J. C; MOREIRA, M. B. Psicologia, comportamento, processos e interações. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 22, n. 3, p.404-412, 2009.
- THOMPSON, R. A. Empatía y comprensión emocional: el desarrollo temprano de la empatía. In: EISENBERG, E. N;

STRAYER, J. La empatía y su desarrollo. Bilbao: Desclée de
Brower, p. 133-161, 1992.

VETTORAZZI, et al., Avaliação de um programa para ensinar
comportamento empático para crianças em contexto
clínico. *Interação em Psicologia*, Santa Catarina, v. 9, n. 2,
p. 355-369, 2005.

Submissão: 25/06/2019

Aprovado para publicação: 16/07/2019